



REVISTA

CULTURA, ESTÉTICA & LINGUAGENS

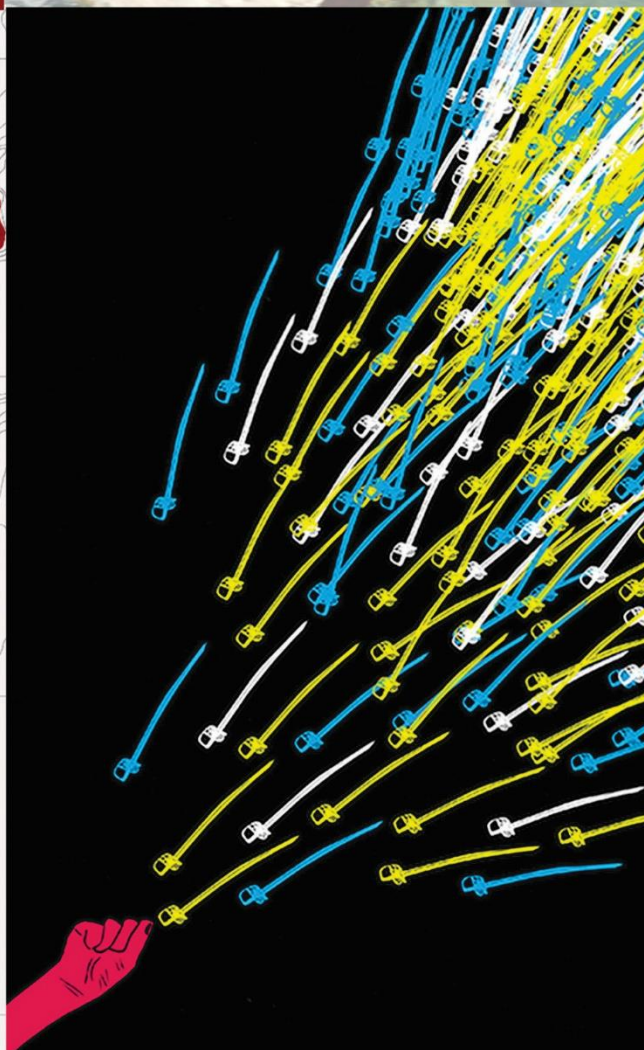
VOL. 05, Nº 2 - 3º TRIMESTRE - 2020

ISSN 2448-1793

NOSSOS

Dossiê
20 anos

Curso de Arquitetura e Urbanismo
da Universidade Estadual de Goiás



Artigos

OUTROS

UMA ESTRELA DOS QUADRINHOS: BRENDA STARR, REPORTER

A STAR FROM THE COMICS: BRENDA STARR, REPORTER

<https://doi.org/10.5281/zenodo.4667787>

Envio: 19/07/2020 ♦ Aceite: 28/09/2020

Jaqueline dos Santos Cunha



Pesquisadora de Histórias em Quadrinhos, é mestra em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal de Goiás - Regional Catalão (2016), graduada em Letras Português/Inglês pela Universidade Estadual de Goiás - Unidade de Inhumas (2007) e integrante da Associação de Pesquisadores de Arte Sequencial (ASPAS).

RESUMO:

Este artigo pretende explorar a representação feminina na produção quadrinística *Brenda Starr: reporter* (1940-1941), de Dale Messick (1906-2005). Lançada em 1940, a obra inaugura uma era de relativa maior abertura para publicação de quadrinhos produzidos por mulheres no interior da indústria quadrinística. A autora estadunidense é concebida como a primeira mulher das Américas a desenhar e roteirizar uma HQ cuja personagem principal é uma mulher independente que busca se afirmar como uma jornalista de sucesso num momento - a primeira metade do século passado - em que o jornalismo era um ofício predominantemente masculino. Há, nesse sentido, um paralelo entre a condição profissional e intelectual da autora e da personagem de sua obra. Este estudo chama a atenção para as construções socioculturais e de poder que condicionaram a mulher a partir de estereótipos, tais como o de mulher bela, *sexy* e desejada. Há um imbricamento entre uma concepção de gênero que subverte as representações de mundo daquele contexto e a representação de gênero que concebe o feminino a partir da beleza e do apelo sensual.

PALAVRAS-CHAVE: Histórias em quadrinhos; mulher; estereótipos.

ABSTRACT:

This article aims to explore female representation in Brenda Starr: reporter (1940-1941) comic strip, which was produced by Dale Messick (1906-2005). The comic strip, launched in 1940, inaugurated an era of greater openness for publishing comics produced by women within the comic book industry. Messick is conceived as the first woman in the Americas to illustrate and script a comic in which the main character is an independent woman who seeks to establish herself as a successful journalist at a time - the first half of the last century - when journalism was predominantly a male career. In this sense, there is a parallel between the professional and intellectual condition of the author and the character of her work. This study draws attention to sociocultural constructions that restricts woman based on stereotypes of beautiful, sexy, and desired woman. In short, there is an overlap between a conception of gender that subverts the world representations of that historical settings and the gender representation that represents the feminine from the standard beauty and sex appeal.

KEYWORDS: Comics; woman; stereotypes.

INTRODUÇÃO

Brenda Starr, reporter (1940 – 2011), produto artístico de Dale Messick (1906-2005), é resultado da combinação entre o tipo de quadrinho que se ocupava das *working girls* (garotas que trabalham, em português) da década de 1920 e as histórias de aventura que emergiram na década de 1930. Brenda Starr foi uma jovem repórter, a terceira¹ repórter mulher da história das histórias em quadrinhos norte americanas e a primeira inteiramente produzida por uma mulher, que gozava uma vida de independência profissional e de maior liberdade sexual. Foi uma das poucas personagens criadas naquela época que viviam só e sem controle familiar; ela era a responsável por seus próprios erros e acertos. No entanto, era constantemente interpelada por seus sedutores a abandonar sua profissão e a se dedicar inteiramente à função de esposa, um papel que ela recusava frequentemente.

Um dos motivos apresentados pela criadora para não permitir que Brenda Starr se casasse, segundo relatos de entrevista concedia ao *San Francisco Chronicle*, era que os leitores poderiam perder o interesse pelo quadrinho. Isso porque, naquele período,

¹ Jane Arden (1927), de Monte Barrett e Frank Ellis, e Lois Lane (1938), de Jerry Siegel e Joe Shuster, foram as primeiras garotas repórteres das histórias em quadrinhos.

as pressões para adequação aos “papeis de gênero” eram ainda mais intensas sobre mulheres casadas. Para o pensamento da época, era praticamente inconcebível para uma mulher casada continuar se envolvendo em histórias de aventura, pois seu foco deveria ser a edificação do lar. Sendo assim, o casamento da personagem Brenda Starr poderia significar o fim das histórias de aventura, romance e glamour e do próprio quadrinho *Brenda Starr, reporter*.

No entanto, em entrevista, Dale, que havia acabado de se divorciar pela segunda vez, ao comparar sua realidade à de Brenda Starr, afirmou ser muito difícil manter um relacionamento de longa duração, especialmente quando ambos possuem uma carreira, “mas que mulheres ainda querem tentar e Brenda não é exceção. Os fãs dela, a maioria jovens mulheres, imploram para que eu a case há anos” (MESSICK, 1975, tradução minha)². E assim o fez, em 15 de janeiro de 1976, Brenda Starr se casou com o misterioso Basil St. John, uma filha e um divórcio seria questão de tempo.

Brenda Starr foi publicada de junho de 1940 a janeiro de 2011. Nesse intervalo, Dale Messick esteve integralmente envolvida no processo de criação de 1940 até 1980, quando sugeriram sua aposentadoria. Antes de se aposentar e de se desligar oficialmente, em 1982, certificou-se de que apenas mulheres seriam creditadas pela produção de *Brenda Starr, reporter*. A primeira dupla a assumir a produção foi a ilustradora Ramona Fradon, de 1980 a 1995, e a roteirista Linda Sutter, de 1982 a 1985; posteriormente, a roteirista Mary Schmich assumiu o roteiro de 1985 a 2011 e a ilustradora June Brigman de 1995 a 2011. Embora os setenta anos de *Brenda Starr, reporter* possam render boas discussões no que toca às questões ligadas à mulher, neste trabalho, ater-nos-emos apenas ao primeiro ano de publicação.

O NASCIMENTO DE UMA ESTRELA DOS QUADRINHOS

“Eu sou Brenda Starr” afirmou em entrevista Dale Messick (1906-2005), primeira quadrinista mulher associada ao sindicato dos quadrinhos, que chegou a pintar

² Trecho da entrevista concedida à Glenda Daniel e publicada em 22 de dezembro de 1975 pela *People*. Disponível em: <https://people.com/archive/brenda-starr-is-getting-married-and-creator-dale-messick-will-give-her-away-vol-4-no-25/>. Acesso em: 2020.

os cabelos de vermelho na ocasião do lançamento de *Brenda Starr, reporter* para se assemelhar à sua criação (ROBBINS, 2013). A personagem foi elaborada a partir do ideal de beleza e desenvoltura da época, que era representado por Rita Hayworth, a garota *pinup* dos cinemas. Além de se inspirar nos atributos físicos da atriz hollywoodiana, a quadrinista também afirma ter se inspirado no glamour e no primeiro nome da socialite canadense Brenda Diana Duff Frazier. A criação do sobrenome Starr, por sua vez, teria sido para evidenciar que a repórter era uma estrela do jornal (MESSICK, 1963).

Podemos ainda apontar um paralelo entre a condição profissional e intelectual da autora e da personagem da obra: tanto Brenda quanto Dale procuravam se inserir no mercado de trabalho num momento em que jornalismo e produção de quadrinhos eram ofícios predominantemente masculinos. De qualquer forma, a autora estadunidense foi a primeira mulher das Américas a desenhar e a roteirizar uma HQ cuja personagem principal era uma mulher independente que buscava se afirmar como uma jornalista de sucesso e, embora Brenda Starr não tenha sido a primeira personagem repórter nas HQs, foi uma das que desafiou, pelo menos parcialmente, os estereótipos de mulher submissa que sempre condiciona sua realização pessoal aos desmandos do universo considerado masculino.

Foi longo o caminho percorrido pela criadora do quadrinho. Ao que tudo indica, foram pelo menos quatro tentativas de ingressar no mercado quadrinístico (ROBBINS, 2013, p. 58-59) antes de *Brenda Starr, reporter*. Dale Messick precisou se submeter a vários enfrentamentos com os editores e colegas quadrinistas homens no processo de tentativa de inserção de seus trabalhos no mercado. Um dos editores, Joseph Patterson, do *New York Daily News*, por exemplo, afirmou, na ocasião em que se recusava a publicar os trabalhos de Dale Messick, que já havia tentado trabalhar com uma mulher antes e que não queria reviver essa experiência (ROBBINS, 2013, p. 63). A contragosto, e somente depois de muita insistência, Patterson concordou em publicar o trabalho de Messick desde que ele fosse veiculado nos jornais³ somente aos domingos. Sobre esse episódio, Trina Robbins (2013) afirma que *Brenda Starr, reporter* só apareceu de fato no

³ Inicialmente, as histórias em quadrinhos eram publicadas em jornais. Somente a partir da década de 1930 começaram a surgir as revistas em quadrinhos, *comic books*. Mesmo assim, a publicação em jornais continuou promissora.

Daily News após a morte de Patterson. Segundo essa autora, a aversão ao trabalho de Messick se devia à sua “ousadia” em abordar uma temática que, até então, era considerada como masculina⁴:

[...] Houve muitas mulheres desenhado histórias em quadrinhos nos últimos 40 anos e não há registro de homens criticando fortemente seus trabalhos. No entanto, todos os quadrinhos anteriores produzidos por mulheres haviam sido relativamente leves - animais e crianças bonitas, lindas meninas sem qualquer tipo de preocupação e avós rotundas jorrando filosofia doméstica. Estas histórias em quadrinhos podem ser consideradas ‘coisa de garota’ - um gênero que os homens não se importavam em trabalhar ou levar a sério. Mas com *Brenda Starr*, Dale Messick foi invadindo um território masculino (ROBBINS, 2013, p.64. Tradução minha)⁵.

A despeito da recusa inicial por parte dos editores dos jornais da época em publicar o quadrinho, *Brenda Starr, reporter* se revelou um grande sucesso ao ponto de estimular outras produções relacionadas à cultura *pop*, como: 1) estimular a produção televisiva homônima que rendeu treze capítulos no ano de 1945. Na trama televisiva, a personagem de Brenda Starr era interpretada pela atriz Joan Woodbury; 2) ser publicada, na década de 1950, em mais de 200 jornais (CASSEL; MESSER, 2018, p. 12); 3) ser mencionada em letra de música como *Rip her to shreds*, lançada pela banda *Blondie*, em 1977; 4) inspirar uma produção cinematográfica que foi lançada oficialmente em 1989, Brooke Shields era a atriz que interpretava o papel da repórter estrela; 5) fomentar a indústria de bonecas baseada na aparência glamorosa da repórter (2003); e, mais recentemente, 6) em 2011, ter uma peça escrita pela neta de Dale, Laura

⁴ O programa norte-americano *To tell the truth*, de cinco de maio de 1960, é bastante ilustrativo da crença de que a produção de histórias em quadrinhos é território predominantemente masculino. Nele, após uma brincadeira de perguntas e respostas, os jurados foram unânimes ao apontar que a identidade de Dale Messick era um homem. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CCI7Rke7x9w&t=778s>

⁵ [...] there had been plenty of women drawing comics for the past 40 years, and there is no record of men strongly criticizing their work. However, all the previous comics by women had been comparatively light – cute animals and kids, pretty girls without a care in the world, rotund grandmas spouting homespun philosophy. These comics might be considered “girl stuff” – a genre the men didn’t care to work or take seriously. But with *Brenda Starr*, Dale Messick was trespassing on male territory.

Rohrman, sobre a vida e a obra da quadrinista intitulada *Brenda Starr, girl reporter*⁶. A referida peça foi apresentada em 2011 e em 2019 na *Society of Illustrators*, em Nova Iorque.

BRENDA STARR: A REPÓRTER GLAMOROSA DE DALE MESSICK 1940-1941

Não resta dúvida⁷ de que a publicação de *Brenda Starr, reporter* num dos maiores jornais dos Estados Unidos da década de 1940 representou um marco para uma relativa maior abertura para o ingresso de mulheres na indústria quadrinística (ROBBINS, 2013; BOOKER, 2014). No entanto, isso não significa dizer que não havia mulheres quadrinistas publicando em jornais antes de Dale Messick. O ponto é que, até então, os trabalhos quadrinísticos desenvolvidos e publicados por mulheres deveriam ser, de acordo com os editores da época, aqueles estritamente relacionados ao universo considerado de domínio das mulheres: ambiente doméstico e familiar.

O produto artístico de Dale Messick, neste sentido, abriu caminho para que outras mulheres quadrinistas conquistassem espaço para publicar HQs consideradas mais ousadas, como os quadrinhos de aventura e super-heróis. No entanto, o referido produto artístico, mesmo rompendo com a tradição e sendo reconhecido como o primeiro quadrinho de aventura estadunidense inteiramente produzido por uma mulher, acaba flertando e alimentando tanto estereótipos que já limitavam as mulheres há longa data, quanto aqueles associados à ideia de nova mulher⁸.

⁶ Uma primeira versão da peça *Brenda Starr, girl reporter* já havia sido encenada no *American Conservatory Theater* (ACT) em São Francisco no ano de 2003, quando Dale Messick ainda estava viva.

⁷ Até então, os quadrinhos assinados por mulheres eram quadrinhos que retratavam mulheres no ambiente doméstico, cuidando da família ou lidando com dramas familiares. *Brenda Starr, reporter* ainda é considerado o primeiro quadrinho de aventura assinado por uma mulher. Para conhecer a história da participação feminina no universo quadrinístico nos Estados Unidos recomendamos a leitura de *Pretty in Ink* (2013), da quadrinista e historiadora de quadrinhos Trina Robbins.

⁸ A ideia de “nova mulher” nasceu às vésperas do século XX. O termo foi utilizado para se referir às mulheres que se “libertaram” da dependência financeira de um homem, seja ele pai ou marido. A nova mulher era sexualmente independente, criticava o casamento quando considerado como o destino da mulher, teve maiores oportunidades de estudo e, portanto, podia vislumbrar uma carreira profissional, mas, em contrapartida, tornou-se um dos alvos

Pensando nas afirmações anteriores, neste trabalho, apesar do risco de anacronismos, procuramos refletir sobre a representação da personagem Brenda Starr, seu relacionamento com os outros personagens e a possível manutenção de estereótipos femininos. Será que esses oitenta anos que nos separam do lançamento de *Brenda Starr, reporter* nos fazem olhar com estranheza para a forma como as mulheres eram representadas? Para tanto, ater-nos-emos ao primeiro ano de publicação do quadrinho para estudo. A obra em questão é resultado da reunião dos quadrinhos publicados durante os anos de 1940-1946, *Brenda Starr, reporter: the collected Dailies and Sundays: 1940-1946*, organizada e publicada pela Hermes Press em 2012.

Já na sua primeira aparição na seção de quadrinhos do *Sunday Chicago Tribune*, Brenda, assim como fez Messick na vida real, decide manifestar todo seu descontentamento por se sentir subaproveitada na redação do jornal, uma vez que sua função se resumia a produzir somente notícias sobre nascimentos e falecimentos. Contrariada, a personagem decide falar com o chefe, o editor Muggs Walter, com o objetivo de ser envolvida em histórias mais desafiadoras. Em primeira instância, como leitores de hoje, ficamos animados com a inquietação da repórter e com sua predisposição em enfrentar a norma e exigir oportunidade de poder desenvolver seu trabalho considerando sua competência e não as convenções sociais reguladas pela diferença de gênero que a circunscreve à função de uma quase secretária. No entanto, a forma como a personagem é representada faz com que a enxerguemos, considerando esses oitenta anos que nos separam, como uma produção quadrinística que é, assim como muitas outras publicadas naquele período, uma obra marcada pela ideia de ruptura e continuidade com os estereótipos atrelados ao ser mulher.

Vale acrescentar, contudo, que na década de 1940, período em que *Brenda Starr, reporter* estreou nas páginas do jornal, o cenário não era favorável à promoção de maior emancipação feminina. Fazia apenas 20 anos que as mulheres tinham

favoritos do capitalismo que tratou de lhe inculcar novos valores. Para se inteirar do conceito, recomendamos a leitura de *A nova mulher e a moral sexual* (1918), de Alexandra Kalontai.

conquistado o direito ao voto e batalhavam para entrar⁹ no mercado formal de trabalho, como mencionamos anteriormente o próprio exemplo da artista Dale Messick.



Figura 18 – Brenda Starr tem seus anseios minimizados pelo chefe (BSR, 2012, p. 18).

No excerto acima, vemos Brenda Starr se dirigindo ao escritório do chefe do jornal *Daily Flash*, Mr. Muggs Water, para manifestar seu descontentamento e exigir que fosse envolvida em histórias mais importantes. No entanto, ao fundo, vemos seus colegas minimizando a situação e colocando Brenda como “destemperada”. Um deles diz: “Minha nossa! O furacão foi direto para o escritório do chefe”. “Ela não tem cabelos ruivos por nada”, afirma outro. Já durante a conversa com o chefe, lemos: “Mr. Muggs Water, se você não me der uma matéria importante, eu estou farta —” ao que Mr. Walter interrompe: “Ok, Starr, seu chlique está me desgastando – Eu quero a matéria sobre Silky Fowler até meia noite” (BSR, 2012, p. 18). No diálogo, o chefe minimiza a queixa de Brenda caracterizando-a como “chlique” e ainda lhe atribui uma função cujos colegas repórteres poderiam chamar de “missão impossível” (KALE, 2014), pois seria necessário fazer com que um poderoso bandido, Silky Fowler, falasse sobre seus crimes. Uma verdadeira prova de fogo, pois seu insucesso resultaria em sua demissão, segundo o próprio chefe: “Você pediu por isso. Agora, consiga a matéria ou está demitida!” (BSR, 2012, p. 18).

⁹ Nesse contexto, fica evidente não apenas a diferença de gênero, mas também a de raça e de classe, pois, enquanto as mulheres brancas tentaram quebrar o teto de vidro e conquistar seu espaço no mercado de trabalho, as mulheres negras, por exemplo, já precisavam trabalhar.

O ponto que gostaríamos de destacar aqui é que os descontentamentos de Brenda Starr são legítimos, mas o que vemos nesse fragmento são colegas, homens, minimizando-a e a definindo como destemperada, um “furacão”, como é descrita no quinto quadrinho quando assume uma posição mais assertiva. Essa característica de destempero ou “desequilíbrio” feminino foi, e de certa forma ainda é, muito presente no cotidiano da mulher e pode ser relacionada a outro termo que, durante muito tempo, funcionou como “diagnóstico” para mulheres que se mostravam insatisfeitas com suas condições de vida ou com as posições ocupadas e contra elas se manifestavam; trata-se da histeria. O termo histeria não é novidade para nós, de acordo com Nunes (2010, p. 374), a noção de histeria vem desde o século IV a.C. quando Hipócrates estudava doenças relacionadas a mulheres. Já no século XX, o termo histeria foi deslocado da medicina, mas continua sendo empregado para se referir de maneira pejorativa às mulheres, especialmente àquelas que precisam perder a linha para conseguirem ser ouvidas e fazer valer os seus direitos, ou seja, quando ameaçam a ordem estabelecida.

A questão é que, além desse episódio com o chefe, durante o período de 30 de junho de 1940 a 20 de abril de 1941, podemos encontrar pelo menos quatro episódios em que, quando desestabilizada emocionalmente por motivos de sabotagem dos seus colegas homens ou por ser depreciada, Brenda perde a linha e os resultados esperados são papéis para o alto, livros ou qualquer outro objeto que ela consiga alcançar para lançar contra seu adversário, por isso, durante toda a trama, ela é simplesmente taxada de “furacão”. Não há qualquer problematização sobre a forma de rotular posições assertivas quando vindas de mulheres como chique ou desequilíbrio - até porque estamos tratando de uma obra produzida por uma mulher na década de 1940, período em as possibilidades de enfrentamentos e problematização da condição feminina ainda eram incipientes. Nesse contexto, o foco de muitas mulheres era conseguir “quebrar o teto de vidro” e entrar para o mercado de trabalho.

O efeito da primeira tentativa de entrevista de Brenda foi a recusa do bandido em falar. Porém, algumas horas depois desse primeiro encontro, encantado com a beleza de Brenda, Fowler resolve conceder uma entrevista exclusiva à repórter, mas

estabelece como condição que, quando livre da prisão, eles pudessem “se ver mais”; proposta que Brenda aceita, como pode ser observado no excerto abaixo:

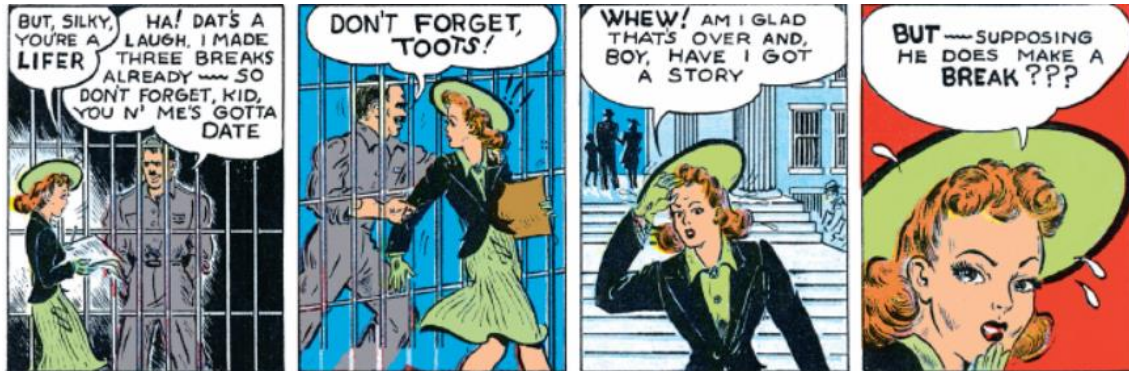


Figura 19 – O “charme feminino” (BSR, 2012, p. 21).

Esse episódio deixa evidente a ideia de uso do “charme feminino” para se conseguir o que quer, o que é um recurso recorrente em *Brenda Starr, reporter*. Isso se deve ao fato de que Brenda era uma mulher bonita, sexy e que estava em afinidade com os ideais de beleza da época. Ela tinha consciência do seu poder, aceitou a ideia de feminilidade e a usava quando achava oportuno. Desse modo, além de ajudá-la a alcançar seus objetivos, sua beleza a tornou a estrela do jornal. Sobre essa capacidade dos atributos estéticos, Morin (1980, p. 36) afirma que “a beleza é uma das fontes do estrelato”, talvez a principal fonte. Assim, na sua segunda missão como repórter de campo, Brenda vai a uma festa à fantasia sem convite para apurar o envolvimento do Barão de Mullet com uma gangue especializada em roubo de joias. Graças ao seu charme e a seus atributos estéticos, ela consegue entrar na festa, ser apresentada quase que imediatamente ao Barão de Mullet e descobrir que o barão era também o chefe da quadrilha que roubava joias. Sua fantasia era a mesma da comparsa do barão, o que facilitou o acesso às informações confidenciais da quadrilha. Tendo sua real identidade descoberta, Brenda foi sequestrada, virou manchete do jornal: “Bela repórter foi sequestrada”, e só conseguiu se libertar das mãos dos bandidos porque obteve ajuda de um jovem garoto do apartamento superior ao qual estava sendo mantida.

A beleza de Brenda chamou a atenção do Barão de Mullet ao ponto de ele passar a alimentar a ideia de que ela pudesse se tornar sua nova parceira. Seu poder de sedução não parou por aí. Por cerca de 70 anos, Brenda viveu histórias de aventuras e amor que ora empoderavam a figura feminina ora seguiam em sintonia com os discursos normatizadores, mas sempre em assonância com a ideia de *star system* inaugurada pelo cinema na segunda década do século XX (MORIN, 1980). E, assim, ela foi, aos moldes de outras personagens dos quadrinhos como Marla Drake/Miss Fury, e tantas outras socialites e *working girls*,

um produto específico da civilização capitalista e responde simultaneamente a necessidades antropológicas profundas que se exprimem no plano do mito e da religião. A admirável coincidência do mito e do capital, da deusa e da mercadoria, não é nem fortuita nem contraditória. Estrela-deusa e estrela-mercadoria, são as duas faces da mesma realidade: as necessidades do homem no estádio da civilização capitalista do século XX (MORIN, 1980, 82).

Um dos maiores problemas de associar o sucesso profissional ou pessoal à beleza está no fato da naturalização da ideia de que tais sucessos são alcançáveis primordialmente por mulheres que são bonitas e que sabem “jogar” com sua beleza. Assim, meninas aprendem desde cedo “que as histórias acontecem a mulheres ‘lindas’, sejam elas interessantes ou não. E, interessantes ou não, as histórias não acontecem a mulheres que não sejam ‘lindas’” (WOLF, 1992, p.80, grifos no original).

A partir desse ponto, podemos divagar sobre outro estereótipo que Brenda, no seu diálogo harmonioso com o capitalismo, ajudou a nutrir: o gosto por compras. Brenda sempre vai às compras: para se recuperar de um trauma pós-sequestro, quando foi demitida do emprego de que tanto gostava, quando tem um encontro com alguém especial ou simplesmente quando está feliz. Assim, ela, mesmo sendo uma assalariada, era representada sempre trajando os melhores *looks*, as camisolas mais glamurosas e estava na sua melhor forma física. Quando questionada sobre a irreal aproximação de Brenda Starr com a vida de uma repórter, Dale teria dito:

Brenda é a garota glamurosa que eu gostaria de ser. Ela é o que a maioria das mulheres gostaria de ser e o que a maioria dos homens gostaria que suas mulheres também fossem. Sempre que ouço repórteres de verdade, todos dizem que suas vidas não são tão

interessantes quanto a de Brenda. Quem teria lido 'Brenda' se fosse a vida real?¹⁰ (apud SIEGEL, 2019, grifos do autor).

Esse artifício ajudou a disseminar a ideia de que o consumismo gravita em torno da mulher e fomentou ainda mais o interesse das leitoras por moda e consumo, ao ponto de as publicações incluírem regularmente *paper dolls* nas suas tiragens. Nesse sentido, as histórias em quadrinhos, assim como as propagandas e as estrelas do cinema, ajudaram modelar e conservar ilusões e orientar a moda (MORIN, 1980) ao mesmo tempo em que definiam um novo papel social para a mulher: o de consumidora (EWE, 2001, p.178).



Figura 20 - Brenda Starr vai as compras, p. 63, 2012.

Por último, destacamos a relação de rivalidade entre mulheres no interior do quadrinho. Apesar do fato de que são os homens, colegas de profissão, que, vez ou outra, sabotam o trabalho de Brenda Starr, são as mulheres que são percebidas no interior da trama como oponentes, como quem que pode vir a ocupar o seu lugar. Nesse primeiro ano de publicação, o caso que melhor ilustra essa relação de rivalidade entre mulheres é a relação entre Brenda Starr e a sobrinha de Mr. Muggs Walter, Daphne Dimples. A primeira temia que a sobrinha “roubasse” sua vaga no jornal; a segunda invejava a beleza de Brenda Starr. Ambas foram enredadas pela rivalidade e competição

¹⁰ Brenda is the glamorous girl I wished I was. She's what most women wish they were and what most men wish their women were, too. Whenever I hear from real reporters, they would all say their lives weren't as interesting as Brenda's. Who would have read 'Brenda' if it was real life?

que são artificialmente provocadas e alimentadas em nós (WOLF, 1992, p. 376) ao ponto de partirem para a agressão física, como pode ser observado no excerto abaixo.



Figura 21 -Rivalidade feminina (BSR, p. 59, 2012).

Mas não podemos deixar de mencionar o episódio em que Belle, amante e comparsa do Barão de Mullet, tenta assassinar Brenda por perceber o interesse do Barão pela ruiva. Nesse caso, mesmo Mullet dando sinais de que Belle era descartável para ele, é Brenda que ela vê como inimiga e é para quem direciona todo seu ódio e rancor.

Assim, nesse primeiro ano de *Brenda Starr, reporter* não vemos amizade sólida entre mulheres, ao contrário, elas se percebem como ameaça, aquela que pode se apoderar de suas conquistas. Enquanto isso, seus pretendentes (ou seria melhor dizermos os reais inimigos do seu sucesso?) estão continuamente minando os esforços de Brenda para que ela fracassasse e passasse a ver o casamento com eles como alternativa para sua felicidade (KALE, 2017).

A noção de rivalidade entre mulheres é milenar e atravessa, por exemplo, a mitologia grega, as narrativas orais (CHESLER, 2009), os contos de fadas (ULANOV; ULANOV, 1989) e até mesmo as narrativas bíblicas (BASKAN, 1994) e ainda hoje cumpre o papel de manter e regular a dicotomia de gênero. Assim, reforçamos que a percepção de rivalidade feminina não nasceu a partir dos produtos da indústria cultural de massa, mas, sem dúvida, eles ajudaram a renovar e a naturalizar a ideia de que, enquanto a

competição entre homens é balanceada e relativamente saudável, as mulheres são traíçoeiras e eternas rivais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Brenda Starr foi uma corajosa repórter aventureira, mas preocupada com aparência e moda – de maneira a dialogar, sem qualquer problematização, com a norma padrão e a contribuir para a sua naturalização. É a partir desses recortes de características convencionadas como típicas da figura feminina que Dale Messick constrói a personagem Brenda, sempre consciente do poder que pode exercer sobre os homens. Afinal “Brenda sempre consegue seu homem!” (BSR, 2012, p. 19). Nesse sentido, podemos afirmar que *Brenda Starr, reporter* foi reflexo do *mass media* da época. Isso, pois, para conseguir se firmar no mercado da indústria dos quadrinhos não bastava, especialmente para mulheres, ser boa quadrinista (ilustradora e/ou roteirista), era necessário, e ainda o é, falar às massas, produzir encantamentos, estimular o consumo e fazer a “máquina do capital” girar. Como procuramos destacar no corpo deste trabalho, Dale Messick, ao lançar mãos de “fórmulas de sucesso” como o *star system*, por exemplo, fez com que Brenda Starr conseguisse fazer tudo isso.

Assim, é possível dizer que Dale Messick produziu um produto artístico, mas também ajudou a produzir sujeitos (MARKENDORF, 2010, p. 319-320), pois, ao mesmo tempo em que *Brenda Starr, reporter* era produzida, também era fabricada em mulheres da época a necessidade de serem bonitas, ou seja, de se encaixarem dentro do padrão de beleza que era estimulado pela *mass media*, para vislumbrarem viver as aventuras, assim como as experiências amorosas e de glamour que eram constantes na vida de Brenda. Foi assim que a protagonista conseguiu seduzir leitores, produzir consumidores de produtos da cultura *pop*, mas também difundir modelos de beleza e de comportamento.

Em síntese, a produção *Brenda Starr, reporter* é carregada de ambiguidades que, de certa forma, expressam a condição das mulheres que erigiram sua identidade de gênero a partir do imbricamento de narrativas ora em continuidade ora em tensão

com o *status quo*. Em certa medida, por um lado, sua trama expressava as complexidades sociais e culturais que pesavam sobre as mulheres ainda na primeira metade do século passado. Por outro lado, e considerando: 1) os diálogos com a indústria cultural; 2) a forma como os produtos culturais são fabricados para atrair leitores/consumidores e agradar consumidores; e 3) principalmente a forma como a figura feminina é representada no interior do quadrinho, *Brenda Starr, reporter* se torna uma produção muito atual, pois é recorrente e considerável o número de produtos quadrinísticos atuais, bem como grande parte dos produtos culturais da cultura *pop* que continuam a lançar mão de representação de mulheres que dialogam com conhecidos e indesejáveis, pelo menos aos grupos atingidos, estereótipos femininos no interior de suas tramas. Deste modo, concordamos que esses oitenta anos que nos separam do lançamento de *Brenda Starr, reporter* não nos fazem olhar com estranheza para a forma como as mulheres eram representadas. Ao contrário, percebemos nas produções atuais o recrudescimento na forma de representar mulheres.

Um exemplo claro dessa recrudescência pode ser percebido nas releituras ou *reboots* de algumas das histórias em quadrinhos produzidas durante a década de 1940, por exemplo, em que os recursos de objetificação e exploração do corpo, beleza, e estereótipos atrelados ao “ser mulher” estão ainda mais óbvios. Dentro desse contexto, destacamos como exemplo o *reboot* de *Miss Fury*, produção original de Tarpé Mills, que foi inteiramente reformulado pela *Dynamite Entertainment*, mas com uma sexualidade muito mais explícita e questionável que a da trama da década de 1940. Neste sentido, a ilustração funciona sobremaneira, como colocou Laura Mulvey (1983) ao tratar do cinema, para o prazer visual dos leitores.

REFERÊNCIAS

BASKAN, Judith R. *Women at odds: biblical paradigms*. In: FLEISCHNER, Jennifer; WEISSER, Susan Ostrov (Org). *Feminist Nightmares: women at odds: feminism and the problems of sisterhood*. New York: New York University Press, 1994. p. 209-224.

BOOKER, M. Keith. *Comics through time: a history of icons, idols, and ideas*. California: Greenwood, 2014.

CASSEL, DEWEY; MESSER, Jeff. *Mike Grell: life is drawing without an eraser*. Raleigh: TwoMorrows Publishing, 2018.

CHESLER, Phillis. *Woman's inhumanity to woman*. Chicago: Lawrence Hill Books, 2009.

COLE, William; ROBINSON, Florett. *Women are Wonderful! A history in cartoons of a hundred years with America's most controversial figure*. Boston: Houghton Mifflin Company, 1956.

HORN, Maurice. *Women in the comics*. New York: Chelsea House Publisher, 1977.

KALE, Verna. *The girl reporter gets her man: the threat and promise of marriage in his Girl Friday and Brenda Starr: reporter*. *The Journal of Popular Culture*, v. 47, n. 2, p.341-360 2014. Disponível em: <<https://doi.org/10.1111/jpcu.12124>>. Acesso em: 2017.

LEE PHILLIP SHOW: Dale Messick, Brenda Starr. *Entrevista conduzida por Lee Phillip*. Chicago TV, 1963. 1 vídeo (14 min 27seg). Publicado pelo canal Alan Eichler em inglês. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tbIKDH1x9LE&t=48s>. Acesso em: 02/10/2020.

MARKENDORF, Marcio. *Da star à escritora-diva: a dinâmica dos objetos na sociedade de consumo*. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 18, n. 2, p. 319-337, 2010. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2010000200003>>. Acesso em: 2020.

MESSICK, Dale. *Brenda Starr, reporter: the collected dailies and Sundays: 1940-1946*. Pennsylvania: Hermes Press, 2012.

MORIN, Edgar. *As estrelas de cinema*. Lisboa: Livros Horizonte, 1980.

MULVEY, Laura. *Prazer visual e cinema narrativo*. Tradução de João Luiz Vieira. In:

XAVIER, Ismail (Org.) *A experiência do cinema*. Rio de Janeiro: Graal/Embrafilme, 1983.

NOGUEIRA, Natania A. Silva. *Brenda Starr e os comics norte-americanos nas décadas de 1940 e 1950*. In.: RUBLIN, Iuri Andréas; RODRIGUES, Márcio dos Santos (Org). *Arte sequencial em perspectiva multidisciplinar*. Leopoldina: ASPAS, 2015.

NUNES, Sílvia Alexim. *Histeria e psiquiatria no Brasil da Primeira República*. *História, Ciências, Saúde*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 373-389, 2010. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-59702010000600006>>. Acesso em: 2020.

OLIVEIRA, Selma Regina Nunes. *Mulher ao quadrado: as representações femininas nos quadrinhos norte-Americanos: permanências e ressonâncias*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007.

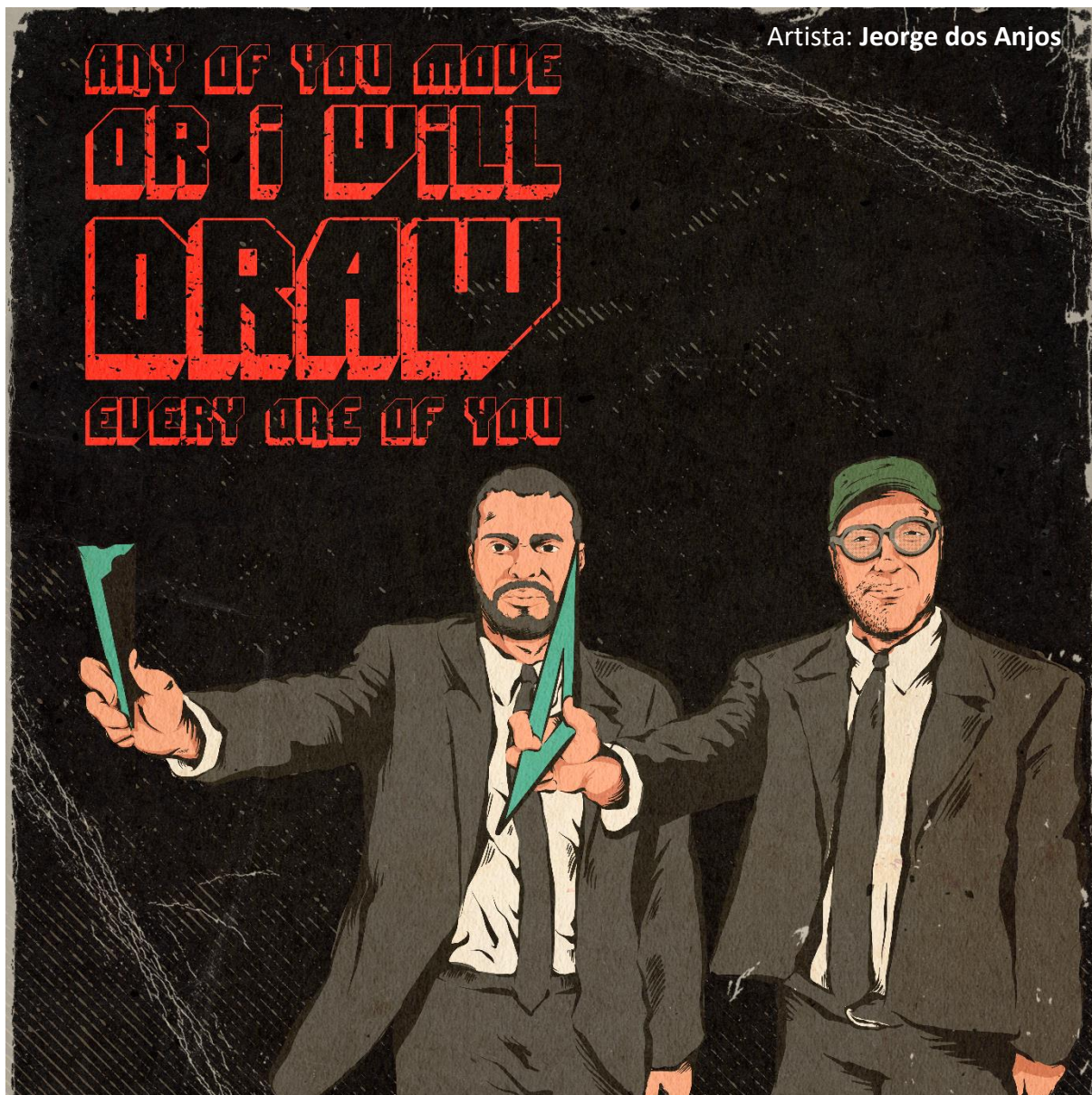
ROBBINS, TRINA. *Pretty in Ink: North American women cartoonists 1896-2013*. Seattle: Fantagraphics Books, 2013.

SIEGEL, HARRY. *She was a powerful draw: what Brenda Starr, reporter, meant to her readers*. Daily News, 2019. Disponível em: <<https://www.nydailynews.com/opinion/ny-oped-she-was-a-powerful-draw-20190315-story.html>>. Acesso em: 2020.

TO TELL THE TRUTH: Dale Messick, creator of "Brenda Starr". Programa de TV To tell the truth, 1960. 1 Vídeo (24min 54seg) publicado pelo canal To tell the truth (CBS) em inglês. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CCI7RkE7x9w&t=778s>. Acesso em: 02 out. 2020.

ULANOV, Ann Belford; ULANOV, Barry. *Cinderella and Her Sisters: The Envied and the Envyng*. Philadelphia: Westminster Press, 1983.

WOLF, Naomi. *O mito da beleza: como as imagens são usadas contra as mulheres*. Tradução de Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.





Artista: George dos Anjos